

Pacto

Bru Pereira

Quando recebi o convite para escrever algo para a Revista Bará, fiquei intrigada com a descrição que me forneceram sobre a revista que está nascendo. “Será um corpo-virtual preenchido por pensadores instigados a reestruturarem suas vozes, em um entrelaçamento de perspectiva somática e coletiva”. Muito me anima compor parte de um novo corpo, fazer corpo é uma arte, uma *artesanía* que aprecio cada vez mais. Me instigo a pensar a partir desse lugar de entrelaçamento entre o somático e o coletivo, a partir desse corpo que fazemos sempre juntas e juntos. Todo corpo já são vários. E a variação é o que nos dá corpo.

Sinto que devo falar do meu próprio fazimento de corpo. Desse processo que todas levamos a cabo, mas que em certos contextos ganha mais visibilidade. Há aproximadamente oito meses comecei a usar estrogênios (hormônios femininos) como parte da minha transição de gênero. A primeira dose foi cheia de receios. Parecia que ali, a decisão pela transição tinha se concretizado. Dentro da seringa, o líquido transparente era como se fosse a tinta que usaria para assinar um contrato que eu estabelecia comigo mesma a partir daquele momento. A assinatura foi levemente dolorosa, a agulha furando a pele. O líquido transparente se misturaria ao meu sangue. Um pacto de sangue. A transição é um pacto de sangue.

Estabeleci um pacto comigo mesma. Mas ainda não tinha percebido que esse pacto era, em realidade, um pacto coletivo. A transição de gênero incluía muito mais corpos que apenas o meu. Lembro que nos primeiros meses a própria palavra transição dificilmente saía da minha boca. E quando saía, saía pesada. Caía com todo o peso que a força da gravidade lhe emprestava. Havia uma gravidade em dizer sou trans, minha voz tremia.

Minha voz tremia, pois era através dela que estava estabelecendo o pacto, esse mesmo pacto que fiz comigo mesma, com outras pessoas. A partir daquele momento, a partir da enunciação da minha transvestigeneridade, as pessoas faziam parte do meu fazimento de corpo. Meu corpo se tornava pouco a pouco coletivo.

Uma experiência somática e coletiva. Os hormônios começam a fazer efeito e meu corpo começa a mudar. Os seios crescem lentamente junto com o quadril e a bunda. Os pelos que haviam crescido e engrossado pela testosterona que meu corpo fabricou por muitos anos passaram a ficar cada vez mais finos. Mesmo finos, arranco-os com cera todo mês. Passei a mudar o modo como me visto, aprendi a usar maquiagem, ainda estou me acostumando com o batom. Comecei a flexionar minha língua no gênero feminino e tento lembrar que tenho que dizer, a partir de então, *obrigada*.

Uma experiência somática e coletiva. Saio na rua, me olham atentos, buscando aquela pequena evidência que lhe permitirão denunciar a farsa que eu sou. Na padaria me perguntam “o que o senhor deseja” e o pãozinho se torna indigesto. Os funcionários ainda não sabem do nosso pacto. Pego o saco de pães na mão, estendo o dinheiro e digo, com uma voz enfraquecida, *obrigada*. Me arrumo para sair. Tento ressaltar todos aqueles requisitos da feminilidade que apesar de não estarem no pacto que assumi, insistem em me cobrar. Uso, às vezes, até um batom vermelho. Não adianta, fiscalizam centímetro por centímetro, buscando ávidos qualquer coisa que eles possam usar para quebrar o pacto. Encontram um pelo. Um pelo que a cera não arrancou. Um único pelo é evidência suficiente para decidirem pela acusação de impostora. Impostora. Ridícula.

Algumas quebras no pacto são menos dolorosas. Tenho aprendido a viver dos acordos pragmáticos, dessas negociações que vamos fazendo conforme a vida vai acontecendo. Alguns me concedem meu nome, outros um pronome, talvez consiga até um adjetivo flexionado no gênero adequado. Alguns nem me olham com espanto e surpresa mais. Outros me parabenizam pela coragem que eu supostamente tenho. Me sinto muito

desconfortável quando me dizem que sou corajosa pela transição. Não me sinto corajosa, muito pelo contrário.

Tenho uma seringa cheia de hormônios entre os dedos e minha mão treme. Minha mão ainda treme a cada renovação bioquímica do pacto. Meu corpo ainda diminui de receio quando saio de vestido e todos me inspecionam. Meu processo de diferenciação não é espetáculo para eu ser aplaudida por ser corajosa. Minha diferenciação é para que eu possa ser eu mesma. Paul Preciado faz as perguntas certas: “Quando vocês vão se cansar de assistir à nossa ‘coragem’ como quem se posta diante de uma atração? Quando vocês vão se cansar de nos tratar como alteridade para se tornar vocês mesmos?”.

Me dizem corajosa por eu ser diferente. Mas fazer diferença só se torna, supostamente, um ato de coragem quando temos que fazer a diferença sozinhas; quando muitos podem continuar repetindo coletivamente o mesmo. E reafirmo, minha diferença não é um ato de coragem. A coragem não me serve de nada enquanto for uma qualidade individual. Ter coragem sozinha é heroísmo, e acho que já deveríamos estar fartas de heróis. Eu não quero ser herói. Herói: uma palavra que nem consigo flexionar no feminino.

Não sou corajosa, mas me sinto forte. Fui fortalecida coletivamente através de redes de amizade que me dão apoio, que me sustentam. Me alegro toda vez que lembram do pacto. Me sinto mais eu, meu corpo fica mais concreto naqueles momentos que não preciso nem falar do pacto para fazerem ele valer. Faço meu corpo nas tramas tecidas pela amizade. Talvez uma substituta para essa perversidade que é a coragem heroica seja a amizade. Apenas somos amigas porque temos outras pessoas junto da gente. A amizade é no mínimo uma experiência entre dois.

Um diálogo povoado de afetos. Fazemos corpos juntas. Aprendemos a falar na conversa entre a gente. Um grande burburinho. Estou aprendendo a ter uma voz. Ainda não sei que voz eu vou ter, mas uma coisa é certa: temos que aprender a celebrar esses momentos em

que podemos fazer um corpo em conjunto. Pois não nos enganemos, não existe outra forma de fazer corpo. Todo corpo é um pacto.